

# ADFA

## Associação dos Deficientes das Forças Armadas

PROPRIEDADE ADMINISTRAÇÃO E REDACÇÃO  
Associação dos Deficientes das Forças Armadas  
Palácio da Independência - Largo de S. Domingos - Lisboa  
Director Interino - António G. Calvino

Comp. e imp.  
Tip. Escola da A. D. F. A.  
Rua Artilharia Um - LISBOA

### EDITORIAL

A nossa Associação não tem nenhum general como associado. Durante os treze anos de guerras coloniais em África nenhum general ficou deficiente. A nossa Associação também não tem nenhum brigadeiro como associado. Tem um coronel, um tenente-coronel, cinco ou seis majores, alguns capitães, bastantes alferes, muitos furriéis e um exército de soldados que se contam aos milhares.

O Movimento das Forças Armadas, que veio a derrubar o regime fascista em 25 de Abril de 1974, não tinha nenhum general, não tinha nenhum brigadeiro, tinha um coronel, pouquíssimos tenentes-coroneis, alguns majores e depois capitães e oficiais subalternos.

Os escalões hierárquicos das Forças Armadas não correspondem necessariamente a extractos sócio-económicos da Sociedade Portuguesa, mas é certo que os altos escalões das F.A. estavam directamente relacionados, ou implicados, com a detenção do poder económico. E isto por duas razões: Porque antes a carreira das armas era um luxo de burgueses e porque através desse luxo mais burgueses se tornavam ainda.

A ascensão ao generalato era via governo, passando o posto a ser político em vez de militar. E a política do governo era defender, até à última gota de sangue, as terras que não nos pertenciam.

Quem derramava o sangue nessa luta suicida? Não eram os generais. Fazendo a sua política e não correndo riscos, continuavam a comandar, continuavam a ludibriar e a utilizar os filhos dum Povo que tinha o coração em África com um soldado que não voltaria e os olhos em França num emigrante que lhe ganhava o sustento.

Os oficiais do M.F.A., jovens e ligados ao Povo que sofre, propuseram-se quebrar as algemas ao País, não hesitando para tal em desalojar os generais do seu conforto, da sua política, do seu luxo, da sua glória.

Os Deficientes das Forças Armadas não querem perder tempo com rancores do passado, porque o tempo escasseia no presente para a obra de reconstrução em que todos estamos empenhados, mas não hesitarão em apontar o dedo e denunciar se a sombra desse passado ainda ousar pairar sobre os Portugueses.

No dia 25 de Abril apostámos em que seríamos as últimas vítimas dessas estúpidas guerras coloniais. Estivemos sempre atentos à evolução dos acontecimentos e, em alguns momentos em que a paz vacilava em favor da guerra e dos inte-

*Continua na página 2*

## LEVANTAMENTO

### Da Situação dos Deficientes das Forças Armadas

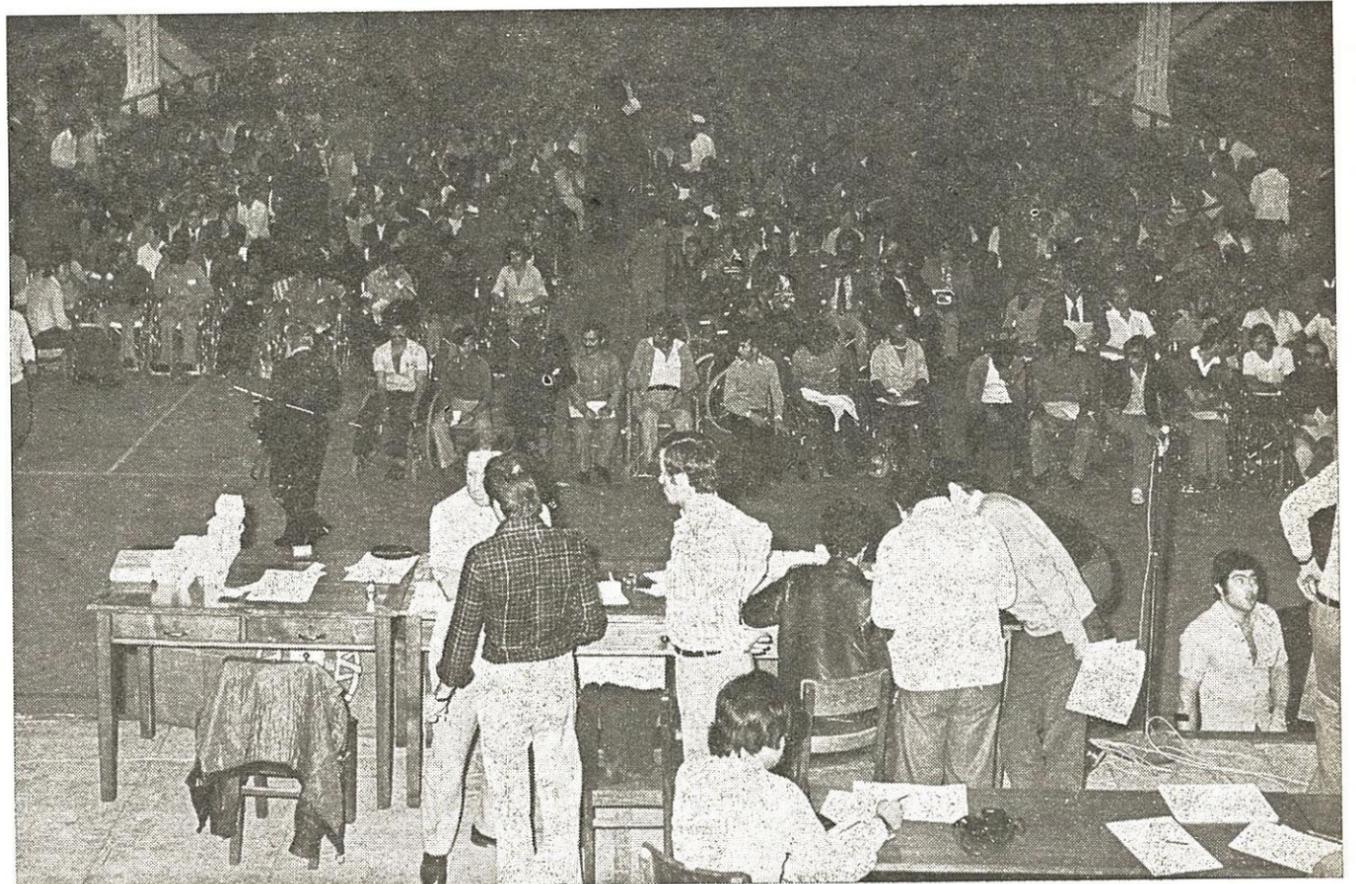
Quantos somos? Quais as nossas deficiências? Como vivemos? Quais as nossas carências? Eis as perguntas que fazíamos a nós próprios quando da criação da ADFA.

Quantos éramos? Não sabíamos.

Vinte mil? Trinta mil? Quarenta mil? Apenas podíamos recorrer com o cálculo e a estimativa. Dados oficiais? Também não tínhamos conhecimento. Claro que seriam deturpados.

O homem que antes do 25 de Abril presidia à pseudo-resolução dos problemas

dos Deficientes das Forças Armadas fora preso nesse mesmo dia. Não foi por tratar com demasiada esmero dos problemas dos deficientes que foi preso. Simplesmente porque acumulava com o cargo de segundo Comandante da Legião Portuguesa.



### QUANTOS SOMOS

Em clima de revolução foi substituído por outro Brigadeiro que nos abordou e disse que o Senhor Brigadeiro Remígio estava impossibilitado de exercer as suas funções e que era ele quem o substituiria. Deu-nos a conhecer a sua maneira de encarar a nossa situação, que era, curiosamente, a continuação da anterior. Logo aí começou o nosso não entendimento. Foi então que o novo responsável nos deu a conhecer o número oficial de deficientes das Forças Armadas três mil e quinhentos (3500). Três mil quinhentos?!...

Bom talvez dez vezes mais, dissémos nós. Mas como provar que éramos dez vezes mais? Começou então uma caça ao número. Hospital Militar Principal: Não, aqui é impossível saber, a relação que temos é de todos os militares que cá estiveram internados. Claro, desses felizmente, nem todos ficaram com deficiências permanentes. A Caixa Geral de Depósitos dizia que estaria a pagar, aproximadamente seis mil pensões. Havia já uma diferença grande. O Depósito Geral de Adidos informava-nos: Até 1974 vieram evacuados, de África, vinte e quatro mil sargentos e praças só do Exército. Desses evacuados cerca de 1% viria a morrer e 10% ficavam sem deficiências permanentes. O número ia aumentando. Aqui, só em Sargentos e Praças do Exército, já se calculavam vinte e um mil e

quatrocentos, aos quais ainda havia que somar os sargentos e praças da Força Aérea, os sargentos e praças da Marinha, os oficiais do três ramos, todos os que ficaram deficientes cá no continente em preparação para a guerra e todos os que não chegaram a ser evacuados nem inter-

nados e contudo ficaram com sérias perturbações.

E quantos morreram? Cerca de onze mil, diz o Ministério do Exército. Para estes faltam-nos igualmente dados concretos.

*Continua na página 2*

## A ADFA ACUSA

### Os Grandes Culpados

Vamos recuar no tempo: 1961, os Movimentos de Libertação das colónias enveredam em Angola pelo justo caminho da luta armada e, só, 13 anos depois, viriam coroados de êxito todos os seus esforços para a desejada independência.

Todos esses anos foram possíveis derivado ao obscurantismo em que viveu a maioria do Povo Português. O potencial humano que alimentou esses treze anos de guerra cifra-se nas centenas de milhares de jovens nascidos, salvo raras

excepções, entre 1938 e 1953.

Descer no tempo e analisar a paisagem política desses terríveis 15 anos é ir ao encontro de justificação lógica que levou um povo explorado e oprimido a ser carrasco e opressor de outros Povos.

O aparelho de Estado fascista estava em 1938 completamente montado. Tinham sido doze anos nos quais o tirano Salazar colocara toda a sua maquiavélica perícia. Mocidade Portuguesa, Milícia, Polícia,

*Continua na página 6*

# LEVANTAMENTO

## Em Busca da Realidade

Continuação da pág. 1

Nos três primeiros meses de 1973, nas três frentes de guerra em África, em contactos directos com o inimigo, morreram noventa e nove militares (99) foram dados como desaparecidos cinco (5) e setecentos e quarenta e seis foram feridos (746). Admitindo que esta seria a média de baixas e feridos durante os treze anos de guerra e fazendo as contas daria: mortos — cinco mil cento e quarenta e oito (5148); feridos — trinta e oito mil setecentos e noventa e dois (38792); desaparecidos — duzentos e sessenta (260). Calculando que dos feridos 10% vinham a morrer e 10% ficavam sem deficiências permanentes, daria como resultado: nove mil e vinte sete mortos (9027), duzentos e sessenta desaparecidos (260), trinta e um mil e trinta e quatro deficientes (31034).

Ora estes seriam os resultados das várias operações, isto é, dos contactos directos com o inimigo. E os resultados das preparações para as operações? E os que não eram considerados em serviço? E as doenças adquiridas? E as doenças agravadas? E os mortos, os feridos e doentes em Portugal na preparação para a guerra?

Depois disto tudo, sem dados exactos, continuamos sem saber ao certo quantos somos.

Somos muitos, não há dúvida, mas os que recebem uma pensão são poucos.

Porque não recebem todos uma indemnização por danos sofridos? Porque razão é que a esmagadora maioria foi abandonada, ignorada? Quais as consequências desse abandono? Desastrosas, pensamos.

Aquilo que, com justiça deveria ser feito ao longo dos treze anos de guerra, à medida que os casos iam acontecendo, terá que ser feito de uma vez só. É uma tarefa difícil mas é urgente. A localização de todos os Deficientes das Forças Armadas, a captação de todos os dados que nos levem ao conhecimento da sua situação e à possibilidade de reconstruir as circunstâncias dos acidentes, doenças, enfim, elaboração de um auto que não foi elaborado, ou, se o foi, com erros e defeitos, ou, então, mal concluído e vítima de injustiças.

O próprio Ministério da Defesa Nacional, que finalmente decidiu encarar de frente esta problemática, necessita do máximo de dados para o trabalho a desenvolver.

### Para uma Consciencialização Revolucionária

Encontra-se em adiantada fase de preparação uma operação gigantesca que ambiciosamente cobrirá todo o território continental.

As vantagens desta operação são múltiplas. Além de, como já atrás referido, proporcionar ao Ministério da Defesa o material total e acabado para o trabalho de revisão legal de todas as situações, traz para nós Deficientes das Forças Armadas, a oportunidade de equacionar, também através dos dados adquiridos, a problemática dos deficientes no campo da reabilitação e reintegração, que tem que, finalmente, ser global e perfeita.

Para essa reabilitação, o contacto que os deficientes, há anos mergulhados no abandono total e em lugares isolados, terão com camaradas seus agora já habituados à vida associativa e já conscientes do momento que se vive, esse contacto constituirá o toque mágico para acordar dum já velho sono profundo e sem esperanças. De enorme utilidade será a oportunidade que os familiares, amigos e vizinhos dos deficientes vão ter, habituados a considerar o deficiente como uma coisa débil, a que se deveria dispensar todo o carinho e atenção, com mimos exagerados, onde a nota predominante era a pena e compaixão, que mais não faziam que inibir e frustrar um homem que tinha todas as suas forças dirigidas para os obstáculos naturais difíceis mas não intransponíveis. Assim, essas pessoas, que rodeiam os deficientes não reabilitados e que através dessas atenções justificadas mais melindrosa tornavam a situação, terão a oportunidade de começarem a sentir o alívio de um fardo que acreditavam, portavam por vontade de Deus. Em face de uma nova linguagem, de novos métodos e de todo um pensamento revolucionário que forçosamente se oporá a esses conceitos medievais, essas pessoas despertarão também para uma consciencialização que, para ser verdadeiramente revolucionária, terá que ser tam-

bém a todos os níveis, porque a revolução será, porque assim o desejamos e pretendemos, total.

Em viaturas militares, os Deficientes das Forças Armadas, enviados de Lisboa, percorrerão todo território continental, num esforço que pretende anular treze anos de obscurantismo, má fé e numa marcada e terrível intenção de esconder a negatividade duma guerra que tanto interessava aos capitalistas do nosso País e tantos males causou ao Povo Português.

## RECORDANDO

Caída na encosta da montanha, espreguiçando-se ao sol sobranceiro ao nevoeiro dos regatos e dos valados, a aldeia pequena, muito pequena, vivia como que alquebrada pelo peso dos séculos e teimava em manter-se pachorrenta em face da estonteante velocidade da era tecnológica. Os anos sucediam-se todos sensivelmente iguais, melhor colheita, pior colheita, o pano de fundo mantinha-se inalterável. O Domingo era o rítmico passo em frente sem avanço :

a missa, a roupa nova, o descanso, talvez almoço melhorado, era tudo. No próximo repetia-se a palavra de Deus sempre tão igual e tão ameaçadora. O Deus mau, que vive lá por baixo daquele campanário granítico e imponente ao toque das trindades; o Deus que se adora porque se teme; o Deus que é Deus e que tem que ser Deus e não pode deixar de ser Deus e que não se pode discutir como Deus. «Ai de nós! Quem somos nós? O que somos nós?» Sim, diz o padre, o que és tu? Lembra-te que és pó cinza e nada mais.

«Ai que» aí vem a guarda! Todos fugiam. A patrulha da G.N.R. atravessava a silenciosa e deserta rua, orgulhosa da sua altivez, do seu respeito. Tanto medo! Tanto deus!

Ai 25 de Abril, minha esperança, minha confiança, que ainda não destronaste os senhores, que ainda deixas pairar por cima dos filhos do teu País as vozes troantes dos falsos intérpretes de Deus, dos falsos protectores do Povo!

Pela total libertação do Povo!

UM DEFICIENTE

## EDITORIAL

Continuação da pág. 1

resses burgueses, estremeçemos de revolta e dissemos não.

Vamos voltar as costas ao passado, de triste memória, vamos construir o futuro, mas com determinação, com a destruição completa das estruturas burguesas e capitalistas, com a neutralização de todos os responsáveis pelas guerras coloniais e pela fome e miséria do Povo Português.

# OS NOSSOS

# CARRASCOS

Durante longos anos de Guerra Colonial, todos nós encontrámos pelo caminho carrascos, de várias índoles que nos aterrorizavam com ameaças e castigos injustos, tornando-nos a miséria negra da guerra numa vida de inferno.

Mas, incontestavelmente, os inquisidores mores, foram Salazar, Carmona, Caetano, Tomaz, e a Sinistra Seita que os rodeava. Isto sem excluir os grandes capitalistas, donos dos grandes monopólios das empresas coloniais, que associados aos Militarões — (Patriotas do Terreiro do Paço) pretendiam continuar a explorar os povos e as riquezas das colónias, sem nada arriscarem e tudo receberem.

Em perfeita união com os inquisidores que governavam o País, vendo que os seus interesses perigavam, não hesitavam em sacrificar a Nossa Juventude expondo-a criminosamente a uma luta inglória, cuja finalidade era aumentar as suas fortunas.

Os Povos das Colónias, fartos de serem macerados pelo chicote da escravatura que lhes era imposta, ergueram a cabeça mostrando um olhar brilhante de revolta que significava :

Basta de Bofetadas Insultuosas — Somos Homens e Exigimos Que Nos Tratem Como Tal.

A estas palavras responderam os nossos Despóticos governantes com envio de barcos carregados com os nossos jovens e generosos soldados.

E a luta começou; embora contra a vontade da grande maioria dos portugueses.

A nossa juventude, ao desembarcar em terras de África, era enviada para o interior sem o mínimo de segurança, higiene e alimentação, na maioria dos casos, rodeados por uma população hostil e faminta tendo pela sua frente o dilema, MATAR PARA NÃO MORRER.

Todavia, mesmo assim os nossos soldados conseguiram milagres. Procuraram suavizar os sofrimentos daquela gente que nenhum mal lhes tinha feito e que como eles sofriam inclemências do tempo, a indiferença e o egoísmo dos governantes tendo necessidade de pão e justiça. Tentaram fazer deles aliados, partilhando com eles os escasos alimentos de que dispunham,

auxiliando-os nas doenças e até nos seus próprios trabalhos.

Mas era a Guerra - Prevenção constante. Os nervos esgotam-se, a calma e o bom senso desaparece. A luta surge de um momento para o outro.

Mata-se de parte a parte — ninguém procura saber quem tem razão.

Quando depois da luta surge o dia verificamos o aspecto macabro desta luta fratricida. A terra coberta de sangue, de mortos, feridos e muitos que faltam à chamada.

Os responsáveis são sempre os mesmos carrascos que nos enviaram para a fogueira e ficaram patrióticaente no Terreiro do Paço.

Durante longos anos as vítimas foram aumentando gerando-se ódios, e aqueles que tiveram a sorte de ainda não terem sido atingidos, interrogam-se : — Para quê e porquê esta luta?

E olhando à sua volta para todo o espectáculo de horrores sentem revolta dentro de si, como única resposta: Só para uma centena de vampiros continuar a viver do sangue das suas vítimas.

Esta luta ingiória só terminou, quando jovens oficiais das nossas Forças Armadas, tendo vivido e assistido ao clamor dos seus camaradas mutilados para sempre, aos gritos de desespero e de revolta das suas famílias, ao espectro dos mortos pedindo justiça. Na manhã gloriosa do 25 de Abril, numa primavera radiante de alegria gritaram aos carrascos — BASTA.

Os nossos Carrascos são portanto, todos os despóticos governantes e seus associados que nos enviaram para a fogueira, onde muitos sucumbiram e outros dia a dia estão a sucumbir nas garras de doenças adquiridas.

Porém todos nós, vamos achando demasiado longo o martírio que nos foi imposto. Temos o direito de pedir justiça para todos, exigindo castigo para todos os nossos carrascos.

Camaradas, vítimas inocentes de uma política de erros e maldade, o ELO — Órgão dos Deficientes das Forças Armadas, não pode nem deve deixar de pugnar pelos direitos de todas as vítimas exigindo justiça.

ALMEIDA JÚNIOR

**N. R.** Neste número transcrevemos algumas passagens do livro «SANGUE NEGRO SANGUE BRANCO E O SUOR DA GUERRA». Nelas estão estampadas as palavras sinceras do sentir de um soldado numa guerra a que fora levado, enganado, a que todos iam levados, enganados, através da arma da ignorância, do obscurantismo.

O grito de revolta saía abafado do sofrer de cada um e de cada camarada. Um sofrer que desperta e consciencializa.

Para quê? Há sempre um lado bom das coisas... e esse sofrer em revolta foi útil, muito útil, para o 25 de Abril.

## EXTRACTOS DO LIVRO

# SANGUE NEGRO - SANGUE BRANCO E O SUOR DA GUERRA

«MANUEL GERALDO»

### JÁ ESTAVAMOS FARTOS

Já estávamos fartos. Dois anos e quatro meses que ainda faltavam.

Já estávamos cansados e as balas não traziam mensagens.

— O que se passa no «puto», quando acabará esta guerra? Se esta coisa demora ainda vamos para aqui «lerpar» todos? — Eram queixumes, gritos que as gargantas secas não se cansavam de lançar. A chuva escorria pelo telhado das cubatas, e os trovões não paravam de troar. E ali perto, hoje, amanhã, numa berma de picada, entre um tufo de capim, a morte mais uma vez estaria a rondar.

— Tenho mulher e dois filhos! Mas o que andarás ela a fazer lá no «puto»? A cornear-me como as outras é quase certo. E eu aqui, amanhã ou ainda esta noite, uma mina, um braço, uma perna, feitos em estilhaços.

— E na manhã seguinte o «Serp» lerpou mesmo nas margens do Dange.

Chegou agora o Daniel com dois homens a menos. Esta operação «Kissonde» rebenta com a malta toda. Quarenta e cinco dias abrindo picadas, escoltando bajundos, indo por esses carreiros fora até ao Piri, quantas vezes até ao Caxito, com o pó na garganta e os miolos a estoirearem de cansaço.

Ontem foram os de Catete que tiveram cinco baixas na mata do Hinda. Uma mina de tropeçar mandou-os pelos ares, bocado ali, bocado acolá, foi uma carga de trabalhos para fazer daquilo alguma coisa que se assemelhasse com restos de homens. E amanhã, ou depois, nas margens do Zenza ou numa curva de picada, a quem irá calhar igual sorte. E esta guerra não vai terminar ainda, não, não vai.

### NINGUEM SE LEMBRAVA

Esteve no «puto» o Ricardo. Esteve de férias no «puto» e viu por

lá coisas que o deixaram sem vontade de falar. Viu coisas e ouviu coisas. Disse que ninguém se lembrava mais dos milhares que por cá andavam a dar o coiro, a deitarem os bofes pela boca numa faina que trazia a um homem desejos de morte. Que deixava um homem com vontade de levar um tiro nos miolos na próxima curva de picada. Ou numa ruela de sanzala.

No «puto» as pessoas falavam de futebol, e de festivais, e de lotarias, e de touradas. De África só falavam os jovens, ou os jornais quando se referiam a Cabora Bassa, ou a Eusébio, ou a «miss» Sá da Bandeira que tinha meneios dengosos de mestiça.

Escutámos Ricardo uma noite perto da Casa de Telha em que a Berliet jazia atascada no lodaçal e uma capa mole de cacimbo nos enregelava os ossos. Junto a nós Eliziário chorava a perda do irmão tombado na semana anterior nas bolanhas da Guiné.

E o correio não trouxera notícias novas. Apenas um aerograma para o furriel «Pacaça» dizia que ele tinha mais um filho para sustentar quando regressasse a Penacova, se acaso regressasse algum dia.

### PORQUE ESTAVAMOS ALI

— Sou transmontano. Órfão de pai desde os cinco anos. Porque estou aqui? Talvez porque sentia curiosidade em saber como isto era ao vivo, talvez porque a minha mãe vive sozinha e o meu irmão deu o salto para a França logo nos princípios de sessenta e dois. Talvez porque sou um bocado covarde, porque seguir como carneiro no rebanho se torna mais fácil. Talvez porque... Merda! Merda! Deixem-me dormir!...

Dormir? E porque não! Mesmo que fosse só para passar pelas brasas, sonhar acordado com os olhos semicerrados. Sonhar o futuro com o físico inteiro. Não um futuro como o do Carlos que ficara sem os dois braços em Canacassala. Tinha

uma granada defensiva nas mãos e aquilo estoizou sem mais aquela. E ele gritava: — Que s'a lixem os braços, não me cortem é os colhões!

— E agora já o tinham visto lá no «puto» a fazer propaganda de perfumes e cosméticos com uns braços postiços que fora colocar à Alemanha.

— Um homem sem braços não vale nada! Se me virem algum dia nesse estado não frequejem arreiem-me mas é com um balázio bem assente nos cornos.

E os olhares de compaixão que trespassavam um homem de lado a lado, e as pensões de invalidez a saberem a esmola, e as mulheres que nem olhavam para as trombas dum tipo em pedaços.

— Merda! Merda! Mas porque estou eu aqui? Porque estamos nós aqui? — E o livro de Remarque a passar de mão em mão, e aquela centelha de vida com os homens-cestos e os hospícios de recuperação povoando as nossas noites de fantasmas e pesadelos, de revoltas e interrogações. Ali respirava-se África, forno crematório viciado com o calor húmido dos interesses dúbios e das humilhações rálicas.

### A MAIORIA ESTOIRAVA

— E ainda havia quem afirmasse que os ceifeiros, e os operários os cavadores, é que aguentavam bem com esta dureza de vida.

Aqui temos a negação concreta desses dogmas. Olha para eles. Não podem com uma gata pelo rabo. E diziam-nos que os pobres, que sim, que eles é que aguentavam bem com o calor e com o frio. Vês como eram tudo patranhas. Coitados deles! Que remédio têm senão aguentar. Boa defesa para os ricos, para justificarem o estoicismo dos pobres.

E nas longas caminhadas a maioria estoirava. E eram a quase sempre jovens oriundos das classes sociais de baixos recursos económicos, com infâncias e adolescências

de subalimentos. Bebíamos águas nos charcos onde ainda se notavam vestígios de baba de pacaça. E dizíamos que era bem bom uma bala nos miolos. E havia quem carregasse com duas e três armas, quem levasse um camarada mais fraco às costas.

E foram ainda mais quatro meses na intervenção. E os grupos de combate reduzidos a quinze homens activos. E as febres. E as hepatites. E os pulmões fanados. E o guia Barroso com uma rajada nas entranhas. E a chegada a Luanda. E o Grafanil. Depois das jornadas arrastantes do Tomboco, Zauévua, Quiaia, Bessa Monteiro, Zenza do Itombe, Canacassala, Maria Teresa, Piri, Bom Jesus, Cassoneca, Terreiro e Camineta Vermelha.

### TINHAMOS OS CORPOS CANSADOS

VINTE e oito meses já tinham passado. Sessenta e seis, sessenta e oito. Estremoz parecia uma festa. O batalhão desfilou pelas ruas iluminadas. As famílias estavam à espera. Tínhamos os rostos amarelos, os lábios arroxeados. Corpos magros e cansados. Foi o espólio e os abraços de despedida. E os tipos de um contingente que estava a aguardar embarque a perguntar como era. E a malta a procurar fugir, a tentar esquecer. E os mortos que não falavam. E o regresso à terra. E as interrogações dos amigos e desconhecidos. E a vizinha do lado que nos achou «tão magro, coitadinho». E a crise de paludismo. E a desintéria. E a opção entre viver, esquecendo, estagnar ou partir. E a velhinha que nos pede uma esmola. E os peditórios. E o cancro, e o reumático, e os empregos que não há, e aquele jovem com um pé amputado. Laos e Camboja. Médio Oriente e América Latina. E o massacre de My Lay. E o 25 de Abril neste «chão» ainda miragem das massas proletárias. Ainda miragem das massas colonizadas de Angola, Guiné e Moçambique.

# LÁ ISSO NÃO

O negro que é negro que é da cor do carvão  
 O negro, negro na vida não tem condição só porque é negro tudo tem negro negrão  
 Tem a descarga tem a luta pelo pão tem trabalho duro pró branco patrão só porque é negro e não tem condição  
 Mas apesar de negro tem alma e tem coração  
 O negro que é negro só porque é negro, negrão é escravo, é coisa lá isso não.  
 Não pode falar se pede vai na prisão Só porque um homem — não entendo a razão — nasceu doutra cor é menos que cão?  
 só porque é negro e não tem condição?  
 Negro, negro, negrão mas escravo é que não!

A. Tavares

# SEM COMENTÁRIOS

O PROBLEMA DOS DEFICIENTES SEMPRE ME TOCOU BEM FUNDO!  
 JÁ ANTES DO 25 DE ABRIL, EU PENSAVA MONTAR UMA FÁBRICA DE CADEIRAS DE RODAS !!



# VISÃO DO ENTARNECER

A tarde vai caindo lentamente  
 Serenamente as horas vão passando  
 Na linha do horizonte vão mudando  
 Os tons róseos, da faixa do poente

Pelas quebradas já a voz dolente  
 Da hora das trindades vem soando  
 Pela encosta íngreme rezando  
 Uma velhinha sobe tristemente

Vai caminhando a custo e a cada passo  
 As pernas vão vergando de cansaço  
 E tem no rosto os sulcos de amargura

Vejo-a afastar-se, ansiosa, dolorida  
 Oh! Imagem cruel da minha vida  
 De amarga solidão e desventura.

D. Maria do Céu

# POEMA

Meus pensamentos vão longe  
 Respondem à voz de quem os chama,  
 Sobem às serras e ao céu,  
 Passeiam pelos mares e montes.  
 Aclamam pela voz que ouvem  
 Soluços, dores e sofrimentos,  
 Bradam noite e dia  
 Por uma voz que lhe responda.  
 Dias e noites passam  
 Sem ninguém me responder,  
 Vivo no mar gelado  
 Sem o sol me aquecer.

Vasco Luís Saraiva

# PALAVRAS CRUZADAS

SOLUÇÃO DE PALAVRAS CRUZADAS PROBLEMA N.º 2

### Horizontais

1 — Intercalar. 2 — Ustula; Lê. 3 — Re; Feia; Jaz. 4 — Ova; Ras; Ota. 5 — Voto; Pro. 6 — Alar; Unas. 7 — Uva; Sado. 8 — Eca; Elo; Lar. 9 — Sos; Lena; Sn. 10 — Te; Amador. 11 — Astrolábio.

### Verticais

1 — Prova; Esta. 2 — Evoluções. 3 — Nu; Atavas. 4 — TSF; Ora; Ar. 5 — Éter; Elmo. 6 — Ruia; Leal. 7 — Clas; Onda. 8 — AA; Pus; Aob. 9 — Jornal; Ri. 10 — Alatoados. 11 — Reza; Sorna.

### ARITMOGRAMA PROBLEMA N.º 2

#### SOLUÇÕES

Horizontais:  
 6:3+2=4  
 5-3+4=6  
 2+4-3=3  
 Verticais:  
 6+5-2=9  
 3+3-4=2  
 2x4-3=5

|    |   |    |   |    |    |
|----|---|----|---|----|----|
| 4  | X |    | + |    | =9 |
| +  |   | X  |   | +  |    |
|    | : |    | + |    | =7 |
| +  |   | +  |   | -  |    |
|    | + |    | - |    | =0 |
| =8 |   | =4 |   | =2 |    |

### VERTICAIS

1 - Moradia; arcas; 2 - Sistema político que os capitalistas dizem que come criancinhas. 3 - Preposição; calão aplicado aos que falam muito e nada dizem. 4 - Chateia; Pode moer; grito de dor. 5 - Aquilo que os pobres não têm; vida de vadio. 6 - Acreditar; matéria corante. 7 - Peixe; marca de caneta. 8 - carta de jogar; Organização ao Serviço do Imperialismo Americano responsável pelos crimes no Chile e empenhada em destruir as possibilidades de sermos um Povo livre; Movimento Esq. Socialista. 9 - Aquela que se opõe; Consoante repetida. Uma das características da vitória do Povo trabalhador. Gostar; Deserto Africano.

# NATAL... NATAL!

Natal é despertar para a Vida.  
 O Povo suave um ano inteiro e em Dezembro tinha Natal.  
 Mas que Natal tinha o Povo?  
 Natal de casebre, de gruta de palha, de Cristo flagelado pelas vergastadas dos opressores.  
 Oh Meu Menino Jesus velhinho: tenho 30 anos todos eles sem Natais, sem a Liberdade que me prometeste.  
 Oh Meu Menino de barro que estás em palhas deitado... palhas de artifício... palhas compradas... Tu próprio custas dinheiro... Meu Menino porque não te revoltas nessa mangedoura onde destróis os ideais que tinhas enquanto vivo e condutor de massas.  
 Oh Meu Menino Povo que não pelo Espírito Santo nem filho de Virgem nasceste.  
 Menino Povo — Natal de 1974 — 25 de

Abril — Glória ao Povo — Glória a meia dúzia de Capitães Povo — Glória a milhares de Soldados Povo. Mas não nas alturas! Aqui, bem baixo, junto à Terra que trabalham e não lhes pertence. Glória a ti Povo que te vi nascer — Natal — 25 de Abril.  
 Lembra-te Menino Deus Povo que podes quanto queres. Não discutas com os Doutores do Templo (enganar-te-ão). Não esperes 30 anos para iniciares a tua vida pública, a tua vida Revolucionária. Já esperastes muito no ventre de tua Mãe, explorada como Tu, por pais adúlteros. 25 de Abril foi apenas Natal; Novidade; Despertar. Cresce veloz Menino Deus Povo.  
 Avança por entre os aldrabões que vendem ditaduras no templo da tua Pátria.

UM DEFICIENTE



# ASSINE E DIVULGUE

Assinar o ELO significa estar de acordo com um conjunto de ideais e sobretudo apoiar os deficientes na sua luta.

A divulgação do ELO estará de certo modo dependente da boa vontade de cada um.

Assinatura Anual — 60\$00

Assinatura Semestral — 30\$00

Escrevam para o Palácio da Independência (JORNAL ELO), Largo de S. Domingos — Lisboa-2.

# ACTIVIDADES DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

## Educação e Cultura

### Secção de Educação e Cultura

Como já ficou explícito no último jornal, o n.º 1, de que esta Secção iniciou cursos os quais se destinam a melhorar a Educação e Cultura de todos os Associados.

Assim termina a ciclagem a que já estávamos habituados.

Esta Secção começou pois, em 1 de Outubro, a ministrar o ensino a Deficientes no campo da Grafia (Dactilografia) e no Primário.

Mas, sendo de primordial interesse o ensino Preparatório e Liceal pois que o número de deficientes que interessados estavam em frequentar estes cursos é bastante elevado e, o não faziam por falta de meios monetários. Começou pois, esta Secção a trabalhar no sentido de ministrar os supracitados cursos.

Para isso, começou a lançar-se apelos no programa que nos era oferecido na Rádio Renascença, a todas as pessoas Letradas para que dentro das suas horas livres pudessem dar algumas, aos Deficientes, ensinando-os.

Após este primeiro apelo, começaram a surgir pessoas que com muita boa vontade vinham até nós oferecer as referidas horas.

Assim que se obteve um bom número de colaboradores inscritos, esta Secção achou por bem fazer-se uma reunião com os referidos colaboradores, para assim se proceder ao início da ministração do ensino.

O que já aconteceu no passado dia 9!12!74.

## Reabilitação

### Na Hora da Reabilitação

Desde que se fundou a ADFA, formaram-se paralelamente grupos de trabalho entre os quais a Comissão de Reabilitação. Esta Comissão foi a Génesis da, já hoje uma realidade, Secção de Reabilitação.

Através desta secção, alguns passos temos dado para uma perfeita reintegração profissional e social dos nossos camaradas deficientes que necessitam de ser encaminhados nesse sentido.

Alguns desses camaradas pelos quais esta secção tem pelejado arduamente por eles, são os deficientes mentais.

Vários são os casos que já inter-namos sendo de realçar a boa vontade do Sr. Director do HMP e médicos os quais contribuíram para esses internamentos.

Congratulemo-nos pois, pelo facto de sabermos que estamos a trabalhar por uma causa de todos nós, congratulemo-nos, por saber-

mos que estamos a contribuir para atenuar a situação caótica que um doente mental produz dentro da própria casa familiar, e, congratulemo-nos ainda mais, por sabermos que esses nossos camaradas podem ser reconduzidos ao seu perfeito estado de lucidez, tal como eram antes de serem obrigados a enfrentar uma guerra que contribuiu para toda a espécie de deficiências.

A nossa Associação, é já em si uma realidade, e dentro da Reabilitação essa realidade está ainda mais vincada. As pessoas que têm familiares deficientes gerados pelas guerras colonial, vêem em nós uma tábua de salvação, para resolverem o que por si só se sentem incapazes, e sobretudo, de ultrapassar as barreiras burocráticas que então existiam e que ainda não foram totalmente extintas.

As consequências motivadas pela doença mental reflectem-se catastróficamente no campo económico-social do deficiente e seus familiares.

O primeiro camarada que a Reabilitação internou, dado o longo tempo que este se encontrava junto dos seus familiares, deu origem à separação conjugal dos seus pais e ficando a mãe desse camarada deficiente praticamente em estado mental pouco lúcido.

Nós quando pela primeira vez visitámos esse nosso camarada, ficámos bastante impressionados com o aspecto da casa onde ele vivia. O quadro dessa casa, era simplesmente desmoredor. O deficiente, não autorizava fosse quem fosse, a limpar o seu quarto, que mais parecia uma autêntica pocilga. Não era ali, pensámos, que deveria viver um camarada e muito mais na situação de deficiente mental. Mas ele, ali estava, e nós, ali estivemos cerca de três horas falando com ele pensando arrancá-lo um pouco para apanhar sol e ar renovado, já que no seu chamado quarto nem sequer o Sol tinha entrada.

## Procura e Oferta de Emprego

O trabalho é tão velho como o homem.

Desde o princípio da sua existência que o homem tem encontrado no trabalho a forma da sua subsistência.

Tal como nos tempos de hoje, há milénios que existem crises de trabalho.

Acontece que, por vezes, o trabalho assume uma forma de vida absolutamente aviltante, a escravização. É da responsabilidade dos governos e das sociedades, a forma degradante como os homens são tratados no e pelo trabalho.

Com a evolução dos tempos, o homem tem vindo a ser descravizado do trabalho.

O direito ao trabalho é humano e de primeira necessidade. É pelo trabalho que o homem encontra a razão da sua existência.

É trabalhando que o homem descobre a podridão e a validade da vida e do mundo.

É no trabalho que o homem se valoriza e se afirma verdadeiramente como ser pensante que é.

A Secção de Procura e Oferta de Emprego informa que, em colaboração oferecida pelo Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis; possui colocação para deficientes (casados) em pousadas daquela organização.

O vencimento está de acordo com a grandeza das pousadas e orça entre os 3.000\$00 e os 5.000\$00 com alojamento, água e luz.

A localização das pousadas, está situada em toda a faixa costeira e é sempre em cidades situadas na referida faixa.

Os interessados, devem dirigir ao Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, depois de informarem esta Associação.

Tem-se verificado um baixo índice cultural nos deficientes que se dirigem à Associação para esta os ajudar na obtenção de um emprego, facto esse, que torna muito mais difícil a obtenção da colocação.

Verifica-se que de uma maneira geral, o deficiente, talvez por não estar reabilitado, é demasiado exigente na escolha do eventual emprego.

Hoje infelizmente, de um modo geral as pessoas não estão capacitadas do seu real valor no contexto social.

Quando existe uma crise de desemprego na ordem dos 200 mil desempregados com tendência a aumentar, é de pasmar que indivíduos limitados quer física quer culturalmente estejam numa atitude de exigência.

Não é que as pessoas não tenham direito (a lugar) a um lugar ao sol mas, para tal é necessário um esforço de cada um para uma real valorização pessoal. É dentro desta ideia que defendemos intransigentemente, que a Associação ministra e apoia cursos de formação vária.

## Jornal ELO

Poucas têm sido as cartas dirigidas ao nosso jornal que nos forneçam ideias como e de que maneira o podemos melhorar.

A falta de colaboradores, principalmente na elaboração de artigos, constitui uma dificuldade, que esperamos em breve, com a divulgação do Elo, se possa superar.

Daqui fazemos, mais uma vez, o nosso apelo a todos aqueles que conosco queiram colaborar. Dirijam-se à nossa sede (Jornal Elo — Palácio da Independência).

Dos muitos problemas que se nos apresentam, o da distribuição e a venda de jornais serão aqueles que com mais urgência teremos de resolver. O facto de ser pouco conhecido, faz com que o ELO seja pouco procurado. Por isso chamamos a atenção a todos os leitores que sobre o Jornal ELO se queiram debruçar. Leiam-no at: ao pormenor e compreenderão melhor o seu verdadeiro significado.

Para nós, que ingratamente nos ensinaram a lutar, possuímos agora uma nova arma: o nosso Jornal.

Com ele pretendemos destruir todas as montanhas que se nos apresentem, com o único intuito de salvaguardar a nossa integridade e defender os nossos direitos.

*Ribeiro de Almeida*

## TIPOGRAFIA - ESCOLA

### DA A. D. F. A.

A ocupação da Tipografia Escola da Cruz Vermelha, pelos trabalhadores Deficientes das F. A. deu origem à passagem desta para a A.D.F.A.

Após mais uma vitória na batalha da reintegração muito se tem progredido na remodelação de estruturas de trabalho e renovação de material técnico.

Presentemente temos condições de trabalho para satisfazer todo o género de encomendas que nos sejam solicitadas nomeadamente: Revistas - Jornais - Material de expediente para escritório - cartões e todo o serviço de Artes Gráficas.

Estamos à disposição de todos os que conosco queiram colaborar na reintegração dos Deficientes das Forças Armadas.

## SECÇÃO DE ACHADOS

Achou-se monóculo, por julgarmos pertencer a pessoa idosa e ultrapassada que gosta de dar nas vistas e no pelo dos outros não o guardámos: — PARTÍMO-LO.

PONT  
ZER



Nas crises de desemprego, nos países capitalistas, são os deficientes os grandemente afectados, sendo nestes a percentagem de despedimentos pelos patrões muito mais elevada que nos não deficientes.

Neste momento de criação duma nova sociedade em Portugal, para ser justa e para evitar problemas conhecidos, surge como solução a simples inexistência de patrões.

# PARA A HISTÓRIA DA ADFA

## FIM DE MAIO QUENTE

O mês de Maio estava no fim. Aqueles que o Governo anterior ao 25 de Abril intitulara de «inválidos e peso morto para a Nação» tinham já dado provas evidentes da sua capacidade de homens válidos e de força viva ao serviço duma Nação criança que não conseguia libertar-se das estruturas fascistas.

### OS SAUDOSISTAS INVESTEM

A nossa Associação aparecia como um autêntico ultrage àqueles que, pertencendo à máquina fascista do antigo regime, temiam que o caudal da revolução engrossasse ao ponto de se afundarem, na torrente, os privilégios de muitos anos de exploração.

## A ADFA ACUSA

### Os Grandes Culpados

GNR, Polícia política (PIDE) etc. controlam por completo todas as actividades do Povo Português. Como é perito em Finanças, orienta o capital de forma a insentivar o fortalecimento dos monopólios, para mais facilmente controlar qualquer tentativa de revolta das massas proletárias. Coloca à frente desses monopólios homens de confiança e assim domina completamente o contexto económico-político da Nação.

Guerra Civil de Espanha; 2.ª Guerra Mundial; Bomba Atómica no Japão e todas as consequências de tudo isto, mas junto do Povo chega apenas a voz do profeta que lhe mente, dizendo que foi a sua perícia que conseguiu manter o País neutral. Salazar tinha tanto de esperto como de mau. Apoia Franco: Camiões e camiões transportam toneladas de alimentos roubados ao Povo para alimentar as tropas franquistas. E esse Povo vê nas suas aldeias transtaganas passar aquilo que lhe é negado na sua terra. E come ervas e raízes e morre tuberculoso, cardíaco, sífilítico, esfomeado. E as crianças que não morrem serão vinte anos mais

*Continuação da página 1*  
tarde roubadas a suas mães para serem transformadas em «carne para canhão».

Quem foi que impediu esse Povo de se revoltar? Quem foram os grandes culpados? Quem ameaçava? Quem torturava? Quem matava esse Povo? «Guarda Nacional Republicana». Lacaio do fascismo, tão opressores como a PIDE, mas que o cravo vermelho ilibou de culpas, apesar de haver albergado o protegido Caetano, apesar de terem feito frente aos soldados do 25 de Abril, apesar de terem em 28 de Setembro ocupado as estações de rádio por ordem de alguém que aprendeu muito com Hitler. Mas continuam fortes e armados com carros de combate, quem sabe se à espera de ordens de um canalha qualquer que, à laia de Pinochet numa madrugada qualquer lhe ordene o contra golpe que poderá lançar na vala comum os verdadeiros libertadores do Povo Português.

O Povo tem que ir para a frente. Não basta acusar os grandes culpados. «É preciso, imperioso e urgente», desarmar a reacção, mas decididamente.

## A ADFA AO SERVIÇO

### DO POVO

#### COMUNICADO

Dentro do Espírito de participação na luta pela conquista das liberdades democráticas que sempre nos tem orientado, levamos a efeito, no próximo dia 31 de Janeiro, pelas 21 horas, uma sessão de esclarecimento e consciencialização para deficientes civis e todo o público em geral, com o objectivo de banir da Sociedade Portuguesa o pão amargo da esmola e abrir o caminho para a aceitação pela Sociedade de todos aqueles que, na ditadura fascista, foram marginalizados da vida produtiva Nacional, servindo de objectos de exortação, à prática da caridade.

Se queremos um Portugal renovado é preciso derrubar as estruturas que ainda permitem: PEDITÓRIOS, SORTEIOS, RIFAS, TOQUES DE ACORDEÃO PELAS ESQUINAS E EXIBIÇÕES DE MAZELAS NA VIA PÚBLICA E À PORTA DOS METROPOLITANOS.

Se queremos igualdade social urge banir da Sociedade os opressores.

Todos ao Pavilhão dos Desportos Todos a mais uma jornada de luta pelo derrube definitivo das estruturas que ainda nos oprimem.

### Assinante do — ELO Paga 60 Anos

Os trabalhadores do Posto N.º 4 da Caixa de Previdência, na Rua Buenos Aires, N.º 27 r/c Dt. Lisboa, confiantes na longa vida do nosso jornal, assinaram o mesmo pelo período de 60 Anos e pagaram adiantadamente.

Fazemos votos para que estes camaradas vejam tal como nós ao longo dos próximos 60 Anos um «ELO autêntico de União entre os proletários de Portugal».

Fomos então testemunhas de manobras de jogo sujo por parte daqueles que pretendiam manter nas mãos sangrentas os cordelinhos do povo.

Um Sr. Coronel, cabecilha da Liga dos Combatentes, vendo a sua posição ameaçada, começa a aparecer nas nossas reuniões.

Ele que nunca se preocupara com o problema do deficiente, nas nossas costas procurava aqueles que havia desprezado, dizendo-lhes que nós não passávamos de crianças, que nunca havíamos de resolver nada, e incitava-os a ir para a Liga, para a sua Liga, onde todos os problemas seriam resolvidos.

Outros militares, oficiais superiores, diziam não se justificar a formação da nossa Associação e forçavam a tecla de aderência à Liga dos Combatentes. No próprio Ministério da Defesa de então (1.º Governo Provisório) o jogo era o mesmo.

### Pedimos a Extinção da LIGA SPINOLA Vivificou-a

A Liga dos Combatentes estava de braços abertos à espera de seus filhos muito amados para lhes ministrar a droga amarga do pão da Caridade. Mas não só, — O General Spínola vivificou a famigerada Liga.

A Legião, tal como a Pide, por serem consideradas forças declaradas de repressão, foram extintas. A Liga, por ser força camuflada, foi vivificada.

Mas nós reconhecemos essa nova forma de vida. Um responsável do Ministério da Defesa dizia-nos «Eu próprio me sinto protegido pela Liga». Mas nós não no-lo sentíamos. Antes pelo contrário sentíamos-nos ameaçados por ela. As guerras da opressão, em que fomos lançados por despolitizados, eram guerras para esquecer. O verdadeiro combatente não pactua com a reacção COMBATE-A.

Seremos combatentes, sim, mas aqui! Na nossa terra, ao lado de todos proletários para, sem Ligas nem Legiões, derrubar todas as estruturas fascistas que o cravo vermelho não derrubou.

### TOURADA FOI

#### PONTO DE ENCONTRO

E houve uma tourada.

E a reacção foi lá.

A Liga levou lá a reacção.

E nós ficámos cá fora, ao lado do povo, esperando a madrugada.

E a reacção não passou, mas a Liga continua. Continuará a fazer touradas até quando?

O verdadeiro combatente combate a reacção olhando para dentro de si e vendo povo oprimido.

Por tudo isso a nossa ADFA, foi para a frente, sem Ligas, sem subsídios oficiais, mas com a força que tem o Povo quando se apercebe que o 25 de Abril não poderá ser NUNCA uma maneira airosa do fascismo se libertar da Guerra Colonial

E continuaremos porque sabemos que ao nosso lado estão todos os trabalhadores explorados.

## FESTA DE NATAL

Oito meses são passados e pedra a pedra a nossa fortaleza humana se vai edificando.

Não queremos de modo nenhum que um Natal passe, sem a ele dedicarmos algumas palavras, pois para nós, foi o primeiro Natal em Liberdade.

Para que ele tivesse um verdadeiro significado, organizámos uma festa, na qual todos os deficientes, que a Lisboa se poderam deslocar, tivessem a oportunidade de sentirem que finalmente o dia da verdade tinha chegado. Como é tradição em festas deste tipo, além da música e dos palhaços, houve distribuição de brinquedos aos filhos dos associados.

A alegria que reinava na sala, onde se realizou o espectáculo, mostrava bem, o que esta significava para o deficiente.

## NÃO À MARGINALIZAÇÃO

Não pretendemos fazer com este tipo de confraternizações uma sociedade à parte, mas, que em anos futuros, cada um de nós se sinta verdadeiramente integrado na sociedade a que pertencemos.

Se Natal é sinónimo de Paz então que se prolongue pela vida fora.

Basta de guerras... pensemos agora em construir uma vida nova, pois, as balas semeadas nada produzem.